



Para ficar por dentro de outras iniciativas voltadas ao fortalecimento da economia gaúcha, acompanhe o GeraçãoE diariamente em geracaoe.com.

THAYNÁ WEISSBACH/JC



Larissa e Carolina Teixeira são sócias da Casa Vasco, armazém de bebidas, bar e café que fica no Bom Fim

Armazém de bebidas destaca rótulos de pequenos produtores

Localizado no bairro Bom Fim, a Casa Vasco, na rua Vasco da Gama, nº 207, abriu as portas em setembro de 2023. O espaço, instalado em uma casa dos anos de 1950, foi idealizado pelas irmãs Larissa e Carolina Teixeira e reúne armazém de bebidas, bar, café e gastronomia. Larissa é apaixonada pelo universo da cachaça e Carolina, pelos vinhos. As duas resolveram unir suas paixões e abrir seu primeiro negócio juntas. Trazendo bebidas internacionais e nacionais, a Casa Vasco tem mais 120 rótulos de vinho e 80 de cachaça.

“Desde o início, tivemos a preocupação em democratizar o acesso aos vinhos. Temos desde vinho em taça até em garrafa com preços bem variados e acessíveis a várias pessoas”, comenta Carolina. Além disso, as empreendedoras contam que procuram dar uma atenção especial aos produtores locais. “Temos muitos produtos de pequenos produtores locais e as pessoas vêm aqui e se encantam bastante, porque são rótulos que a gente vai atrás, que faz a curadoria. É um trabalho bem efetivo”, afirma Larissa.

Devido às consequências da

enchente que atingiu a Capital, o estabelecimento fechou as portas por 12 dias, pois ficou sem abastecimento de água. “Não fomos afetados pela inundação, mas com a falta de água e com funcionários com dificuldade de acessar o local, resolvemos não abrir. Além disso, percebemos uma baixa significativa no movimento”, relata Carolina.

A empreendedora explica que voltar a operar é uma forma de apoiar os produtores, que tiveram seus vinhedos devastados, mas ainda estão com produtos estocados. “Nossos produtores estão pedindo para que a gente retome as atividades. Temos um parceiro ali de Faria Lemos, distrito de Bento Gonçalves, que está com produto agora, mas para o ano que vem o baque vai ser muito grande”, afirma. De acordo com as irmãs, o negócio sempre teve como objetivo apostar em pequenos produtores gaúchos. Mensalmente, a Casa Vasco oferece uma degustação harmonizada com a presença de um pequeno produtor no espaço. Segundo elas, o objetivo é aproximar o produtor do consumidor final e fazer com

que os rótulos sejam mais valorizados. “Tem um trabalho absurdamente grande por trás daquela garrafa. Cada rótulo de vinho ou de cachaça tem muita história e trabalho por trás”, explica Carolina.

No momento, as sócias estão organizando ações internas para estimular o consumo de produtos locais, mas, nos últimos dias, já percebem algumas mudanças no comportamento dos consumidores. “Tenho visto um movimento em busca dos rótulos do Estado. ‘Eu quero comprar um presente, mas eu quero um vinho gaúcho.’ E isso não era tão usual. Era um trabalho que a gente fazia de estimular que conhecessem os

nossos produtos e, agora, o próprio cliente tem essa iniciativa”, conta Carolina. A empreendedora destaca que o consumo não se deve somente por ser um vinho ou cachaça do Rio Grande do Sul, mas porque são produtos de excelente qualidade. “É sobre estimular esse comércio, mas também é se abrir a uma experiência que com certeza vai te encantar”, porque são muito bons”, diz.

Além dos vinhedos, pequenos produtores de destilados também foram afetados. Parceira da Casa Vasco, a Casa Bucco, de destilados artesanais, sofreu com as inundações e deslizamentos de terra.

Por serem também um

gastrobar, o estabelecimento está tendo de se readaptar com a falta de algumas mercadorias. “O nosso fornecedor de pão era do bairro Sarandi e agora está debaixo d’água. Nossas hortifrutis vinham do Lami, na Zona Sul, foram devastadas”, lamenta. A ideia é fazer pequenas alterações nas refeições oferecidas para seguir com o cardápio atual. “São muitas famílias que dependem do nosso pequeno estabelecimento. Fornecedores, produtores e até os nossos próprios colaboradores. Por isso, precisamos manter as nossas atividades para fazer a roda girar e contribuir na reconstrução do nosso Estado”, afirma Carolina.

Focar nas marcas locais é um grande estímulo para a retomada

Luiz Carlos Bohn, presidente da Fecomércio-RS e presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae-RS, comenta que há uma divisão em relação aos comércios afetados pelas enchentes no Estado.

O primeiro grupo é formado pelos negócios que foram inundados, sendo os mais impactados. Além de perder faturamento, perderam patrimônio, estrutura, máquinas, equipamentos e estoque. “Esse grupo representa uma grande parcela dos estabelecimentos afetados”, comenta Bohn.

Já o segundo grupo representa os que tiveram suas atividades reduzidas ou interrompidas em virtude de dificuldade de acesso, redução de disponibilidade de equipe e insumos. São locais que a água não chegou, mas os negócios estão parados.

O terceiro e último grupo são aqueles estabelecimentos que foram impactados pelo ambiente de consternação que abalou o Estado. “As pessoas estão retraídas. Muitos desses locais estão parados, porque não sabem como recomeçar.

Neste caso, precisamos ver se realmente vale a pena recomeçar”, afirma. De acordo com Bohn, em situações como essa, é necessário um apoio de técnico de consultoria que consiga fazer essa análise. “É preciso avaliar e ver ‘olha, já não estava legal. Será que vale a pena voltar agora?’ Isso é uma análise fria, que nem sempre as pessoas têm condições de fazer”, explica.

Há um mês, o Rio Grande do Sul vive com incertezas e com a preocupação de como será o próximo dia. Até aque-

les, que não foram diretamente afetados, tiveram que mudar ou adaptar seus comportamentos. Muitos ficaram mais reclusos, deixando de consumir fora de casa e de realizar algum investimento por não saber como será o futuro. “Por mais incertezas e receios que se tenha, é importante fazer a economia girar. Claro que não vai comprometer o dinheiro que não tem. Comprar aqui, gastar ali, cuidando dos seus limites, mas a inércia do consumo é mais prejudicial”, explica o presidente da Feco-

mércio-RS.

Bohn também destaca que, na hora de consumir, é importante olhar para a escolha de marcas. Segundo ele, basicamente, nos supermercados, quase 90% das marcas são gaúchas, e dar preferência a elas contribui para a economia do Estado.

“Existem campanhas fora do Estado que identificam produtos do Rio Grande do Sul. Estamos vendo as pessoas se engajarem e isso realmente faz muita diferença, é uma grande ação”, conclui.